A LEITURA LITERÁRIA "NA TERRA DOS HERÉOS": UMA PROPOSTA DE INSERÇÃO DA LITERATURA CAMPISTA NAS ESCOLAS DE CAMPOS

Williane de Sá Marques (UENF)
wdesamarques@gmail.com

RESUMO

Entendendo a leitura literária como uma concepção de sentidos e de historicidade vinculados às subjetividades dos leitores e acreditando que as relações identitárias que esses estabelecem com o lugar em que vivem podem contribuir para incentivar essa prática, este artigo objetiva discutir brevemente a maneira como ocorre a leitura literária no Ensino Médio a partir da percepção de autores como Antunes (2003), Colomer (2007), Lajolo (2011) e Rezende (2017) e apresentar as teorias subjacentes postuladas por Rouxel (2013, 2017), Orlandi (2012), Hall (2005) e Silva (2000, 2017). Para complementar a discussão teoria, busca-se ainda apresentar uma proposta pedagógica de estratégia de leitura, com base nos fundamentos de Vargas (2013), a ser aplicada em três turmas do 2º ano do Ensino Médio, de um colégio estadual da Baixada Campista, em Campos dos Goytacazes. A narrativa escolhida trata-se de uma crônica de um escritor local que retrata uma festividade popular inserida na realidade social e cultural desses alunos–sujeitos–leitores. Assim, tenciona-se testar a hipótese de que a leitura de textos locais é uma atividade que desperta o gosto literário, pois dialoga com as histórias das leituras dos sujeitos.

Palavras-chave:
Identidade cultural. Leitura Literária. Narrativas locais.
Sujeito Leitor. Ensino de Literatura.

1. Introdução

Pensar a noção de sujeito a partir do contexto escolar pressupõe considerar que cada aluno que ocupa uma das dezenas de cadeiras na sala de aula possui suas vivências particulares, seus costumes, seus propósitos e suas interpretações pessoais a respeito dos fatos e do mundo, ainda que, em meio à rotina das aulas e diante dos currículos e cronogramas previstos e pré-moldados, nós, professores, sejamos impelidos a optar por ações mais genéricas e menos subjetivas.

Quando o assunto é leitura, a necessidade de refletir a respeito das questões pessoais faz-se ainda mais evidente uma vez que, como pontuou Orlandi (2012), ler é constituir significativamente um texto e isso é feito não somente por meio do ato de decodificação do código-língua, mas

sobretudo, pela compreensão do dito e do não-dito a partir do lugar social ocupado por esse leitor. Em linhas gerais, essa proposição revela a pertinência de uma discussão pautada na apreensão dos sentidos através da ideia de que todo sujeito é único e única é também a percepção que esse tem acerca dos textos que estão a sua volta.

A noção de sujeito aqui colocada é da Análise do Discurso de vertente francesa, corrente teórica que insere, junto a essa concepção, a ideia do assujeitamento, isto é, a interpelação do sujeito pelos discursos e interdiscursos (conceitos que devem ser esquadrinhados mais a frente) dispostos em seu cotidiano, como fator fundamental para entender as interpretações que esses sujeitos fazem. Isso significa dizer que os sujeitos, ainda que ímpares, assimilam o mundo por via da historicidade.

Quando incorporo essas concepções a este artigo[1], entendo que a trajetória social e cultural dos alunos, as tradições às quais eles estão submetidos e o lugar em que eles estão inseridos estão diretamente relacionados às percepções que esses têm dos textos que lhes são apresentados na escola. Afinal, como bem disse Lajolo (2011, p. 9), "ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum". Assim, propor uma leitura que dialogue com a subjetividade desses estudantes faria muito mais "sentido", no sentido mais amplo do termo.

O sujeito-leitor da "Terra dos Heréos" — em um passado longínquo, essa expressão fazia referência à Baixada Campista, região a princípio explorada pelos Sete Capitães (os "heréos") no período da colonização do Brasil, segundo explicou o escritor e memorialista Waldir Pinto de Carvalho (1987) – é, portanto, um sujeito que está envolvido com as questões ali vivenciadas e debatidas nos tempos de hoje bem como nos de outrora.

Na ocasião em que esse mesmo Waldir, nascido nessa Baixada, escreveu a trilogia Na Terra dos Heréos[2] (1987, 1996, 1999), ele quis

---

[1] Este artigo trata-se de um desdobramento do projeto de Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Letras (Língua Portuguesa e Literaturas) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense – IFF Campos campus Centro, orientado pelo professor mestre Thiago Eugênio Loredo Betta e desenvolvido no ano letivo 2019.1. A aplicação e os resultados desta pesquisa devem ser publicados em trabalhos posteriores a apresentação do TCC, prevista para setembro de 2019.

[2] Os três livros são frutos de edição artesanal e, portanto, não possuem registro ISBN – International Standard Book Number, sistema internacional padronizado que cataloga e identifica numericamente as obras literárias por título, autor, país, editora e edição. Isso

tanto exaltar o povo e as histórias desse lugar (físico, social e cultural) por meio das crônicas, quanto produzir um material de cunho memorialístico que, em minha concepção, pode contribuir para reforçar a identificação dos sujeitos com a região. Digo isso porque, conforme conceituam Silva, Hall e Woodward (2000), essa identificação é relacional e vinculada a condições sociais e simbólicas, então quando um sujeito se depara com um texto que trata de temas que lhes são comuns, pressupõe-se que esse processo (de identificação) se instaura de maneira intrínseca e genuína.

É a partir dessa ideia que proponho este trabalho. Entendendo os sujeitos como autônomos e, ao mesmo tempo, subjugados (ORLANDI, 2012); a leitura como uma questão de concepção de sentidos e de historicidade (ibidem); e o lugar e as tradições (cultura) nele assentadas como um "sistema classificatório" (WOODWARD, 2000) por meio do qual produzimos significados e estabelecemos identificação, questiono: a leitura de textos locais é uma atividade que desperta o gosto literário ao dialogar com as subjetividades e histórias de leituras dos sujeitos?

Se o objetivo maior de um professor que se dedica ao ensino da leitura literária na escola é estimular essa atividade, por que não apresentar, junto aos cânones[3], escritores que viveram nesse lugar onde vivem os alunos e dedicaram-se a escrever sobre ele? A hipótese que formulo é de a de que o trabalho com a leitura de textos locais, por meio do fortalecimento da identidade cultural dos sujeitos-leitores, contribui para motivar essa prática no Ensino Médio.

A fim de complementar este artigo, trago uma proposta de apresentação de uma das crônicas do primeiro volume da trilogia Na Terra dos Heréos (1987) intitulada "Festa de Santo Amaro" em três turmas do 2º ano de um coléfio estadual de Campos dos Goytacazes. Tal texto trata dos costumes que envolvem essa festividade popular[4] que acontece desde

---

significa que a obra utilizada nessa pesquisa não é facilmente encontrada e/ou distribuída em bibliotecas e livrarias, estando, atualmente, restritas a acervos pessoais e sebos, mas há também uma cópia na biblioteca virtual da Câmara de Vereadores de Campos dos Goytacazes. O link para acesso está nas referências deste artigo.

[3] Segundo as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM, 2006), os cânones literários são obras legitimadas como elemento expressivo da sua época (momento histórico em perspectiva) e também admitidas pela tradição escolar e, por isso, prioritariamente escolhidas como *corpus* no currículo de literatura no Ensino Médio.

[4] A Festa de Santo Amaro é citada em obras que tratam da história de Campos dos Goytacazes escritas por Júlio Feydit (1979), Alberto Lamego (1920) e Alberto Lamego Filho

o século XVIII entre os dias 14 e 15 janeiro no distrito de Santo Amaro, situado a poucos quilômetros da escola pretendida.

Assim, este trabalho é desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica que, segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 183) "coloca o pesquisador em contato com tudo que já foi escrito [...] sobre determinado assunto" e propicia "o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras".

Cabe acrescentar ainda que intenção deste trabalho não é esgotar a questão da leitura literária na escola, mas incitar uma reflexão crítica que considere as experiências de vida dos alunos (sujeitos-leitores) e do lugar físico, social e cultural em que eles estão inseridos.

2. O ensino de literatura e a leitura literária vigentes

Estudiosos que se dedicam à temática da leitura de literatura afirmam que, na prática pedagógica, os professores de Língua Portuguesa e Literatura não estariam fazendo um uso crítico do texto na sala de aula. Segundo Antunes (2003), nas aulas de português, essa atividade estaria centrada em habilidades mecânicas de decodificação, desvinculada das suas funções sociais associadas ao ato de ler, além de não estimular o prazer da leitura. Essa concepção é a mesma de autoras como Rouxel (2012) e Rezende (2017) que, ao tratarem especificamente do ensino de Literatura, apontam que o texto é tido como um mero pretexto, mantendo um posicionamento didático reducionista e centrado em uma tradição que não suscita no aluno a vontade – e sequer a necessidade – de ler.

Ao buscar reflexões sobre essa leitura que ocorre nas salas de aula, deparei-me ainda com os estudos de Colomer (2007) e Vargas (2013) que afirmam que o objetivo de formar leitores – que compreendem o texto em sua relação com o contexto e com a forma – não têm tido êxito porque a estrutura educacional brasileira está mais voltada para a formação de "ledores", que decodificam a língua escrita, mas são incapazes de ter uma percepção crítica do que é lido.

(1996) e também despertou o interesse de Simonne Teixeira (2006, 2008 e 2014) e Gisele da Silva Gonçalves (2011), ambas pesquisadoras da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, que se dedicaram à pesquisa a respeito da cavalhada, uma das manifestações que fazem parte dessa festividade, enfatizando sua relevância cultural.

As razões que levam a essa conjuntura são diversas. Orlandi (2012) pontua, a título de exemplo, o fato de o professor, ao desenvolver seu trabalho pedagógico, fixar-se no que a autora chama de "leitura de prestígio", validada por críticos, fornecida por intermédio dos livros didáticos, e que, via de regra, pouco ou nada têm em comum com o contexto histórico-social dos alunos e com as histórias desse sujeito-leitor.

Outro ponto a se considerar quando se discute a leitura escolar de modo mais abrangente é a motivação que impele essa prática. Para Antunes (2003, p. 27), o texto é posto em função da sua materialidade, tendo como propósito a aplicabilidade da gramática da língua. Já nas aulas de literatura, nas quais a leitura deveria ter preponderância, isso não ocorreria, uma vez que, de acordo com Rezende (2017) privilegia-se a historiografia da literatura canônica, principalmente no Ensino Médio.

Nesse sentido, Lajolo (2011, p. 10) destaca que não se pode fugir aos encaminhamentos tradicionais no ensino da literatura, contudo, refletir a respeito da condição da leitura literária na escola e inscrever o texto no cotidiano do aluno são medidas importantes porque sinalizam e ajudam a superar os "impasses individuais vividos por cada um", a fim de que a sala de aula se torne "espaço de liberdade e subversão", instaurado "pelo e no texto literário".

Para Rezende (2013, p. 25), cada indivíduo possui "sua história de vida, seu repertório de leituras [...], uma trajetória cultural e social, e se insere em determinada comunidade". Langlade (2013) complementa essa ideia de apropriação do texto a partir das vivências individuais e/ou coletivas dos sujeitos ao cunhar o termo "leitor subjetivo". Segundo ele (2013, p. 30) esse é um leitor "construído pelas experiências de leitura fundadoras [...] leituras que levam as marcas do desenvolvimento de uma personalidade, dos encontros da vida".

3. A leitura literária em uma perspectiva discursiva

Neste artigo, considero que todo leitor tem sua história de leitura, que as leituras já feitas pelos sujeitos contribuem para a compreensão dos textos, e que o reconhecimento desses fatos pelo professor pode transformar as condições de produção da leitura do aluno (ORLANDI, 2012). Afinal, tomar a leitura de literatura como uma questão de concepção de sentidos e de historicidade (ORLANDI, 2012) significa inseri-la em uma situação que envolve os sujeitos interlocutores – autor e leitor, determi-

nados histórica e ideologicamente – e as condições de produção e de significação do texto.

Nessa perspectiva discursiva, ler não é um ato de pura e simples decodificação. Há, em meio a esse processo, aspectos implícitos, que sustentam o que está dito (ibidem), e subjetivos, como a identidade cultural desses sujeitos, que devem ser considerados a fim de que haja motivação e também a experiência efetiva da leitura.

Vale destacar aqui a percepção de Silva (2017, p. 15) de que os currículos escolares também são, de uma forma ou de outra, uma questão de identidade, uma vez que os conhecimentos de que constituem os currículos, sendo estes apreendidos como discursos, estão "inextricavelmente, centralmente, vitalmente" envolvidos com a subjetividade dos alunos. Ele pontua que as diferentes teorias do currículo objetivam formar determinados sujeitos a partir da ênfase que dão a determinados conteúdos na escola. Quando inserimos temas locais no currículo, formamos, portanto, sujeitos conscientes de sua história e de sua identidade.

Ao discorrer sobre as identidades culturais inscritas em uma conjuntura nacional, Stuart Hall (2006, p. 48-9) considera que essas "não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação" e que a nação é "um sistema de representação cultural". Nessa perspectiva, este sistema seria, portanto, "um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos" (HALL, 2006, p. 50). Assim, aproprio-me dessa concepção de identidade cultural em um âmbito local e atribuo essa noção de sistema a um contexto citadino.

Partindo do princípio de que a cidade é "um texto em constituição à espera da leitura" (MOURA, 2012, p. 63) e que "ao significar a cidade, o sujeito se significa na e pela cidade" (ORLANDI, 2012, p. 7), considero, neste projeto, a leitura dos elementos sígnicos desse lugar como uma leitura de um texto e que, por meio dela, os sujeitos-leitores constituem sua subjetividade e constroem suas histórias de leituras.

E uma vez que esse tema "envolve mecanismos de muita relevância para a análise de discurso" (ORLANDI, 2012, p. 41), utilizo aqui a concepção de literatura da Análise do Discurso de vertente francesa, mais especificamente nos estudos de Maingueneau (2018, p. 37-8) que afirma que os enunciados são apreendidos "por meio da atividade social que os sustenta, remetendo as palavras a lugares", isso porque a AD explora "as múltiplas dimensões da discursividade, buscando precisamente explicar a

um só tempo a unidade e a irredutível diversidade das manifestações do discurso".

Quanto ao objeto dessa pesquisa, optei por utilizar uma narrativa local que se enquadra no gênero textual crônica. Essa escolha foi motivada pelos atributos estruturais e históricos desse gênero que se configura como híbrido entre a literatura e o jornalismo, não somente por ter nascido nos jornais, mas fundamentalmente por seus aspectos temáticos relacionados ao cotidiano e a memória, segundo apontam autores como Arrigucci Júnior (1987, p. 51) e Candido (1992, s/p). De acordo com o primeiro, a crônica é "despretensiosa, próxima da conversa e da vida de todo dia", já o segundo aponta que a perspectiva desse gênero "não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão".

É através de uma crônica que trata de um tema local que apresento uma proposta de leitura literária no Ensino Médio e busco contribuir para a reflexão a respeito dessa prática e da relação identitária estabelecida entre os sujeitos-leitores e a cidade em que habitam. Isso porque os sujeitos leem a cidade e, posteriormente, ao lerem os textos literários que a ela se referem, estabelecem a sedimentação de sentidos e a intertextualidade, fatores constitutivos da produção da leitura (ORLANDI, 2012).

4. Proposta pedagógica

Com o objetivo de avaliar o fortalecimento da identidade cultural dos sujeitos-leitores e a motivação da prática da leitura, proponho inserir narrativas locais nas aulas de leitura literária no Ensino Médio. A ideia é que essa proposta seja aplicada em três turmas (2001, 2002 e 2003) do 2º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Doutor Barros Barreto, situado no distrito de Baixa Grande, na Baixada Campista.

A princípio, pretendo aplicar um questionário a fim de compreender a realidade social dos estudantes e a relação que esses estabelecem com os elementos sígnicos do município de Campos e, principalmente, da Festa de Santo Amaro, cujas tradições que a envolvem são descritas na crônica homônima presente no primeiro volume da trilogia "Na Terra dos Heréos" (1987), do escritor campista Waldir Pinto de Carvalho.

Destaco que essa proposta pedagógica terá como referência os procedimentos didáticos postulados por Vargas (2013). A autora apresenta um método de leitura literária a partir de três procedimentos: a) abordagem conteudística em seus vários níveis (histórico, sociológico etc.),

que será realizada por meio da apresentação de vídeos e fotos do referido festejo popular; b) as questões estruturais referentes ao gênero textual ao qual se enquadra o texto, neste caso as caraterísticas da crônica; e c) criação complementar, a fim de despertar o aluno–sujeito–leitor para a escrita.

Essa produção textual dos alunos deve seguir ao que Rouxel (2013) chama de um diário de bordo, isto é, uma escrita livre desenvolvida a partir das impressões subjetivas a respeito do texto apresentado. Esse diário de bordo pode fazer referência tanto ao envolvimento do aluno com a Festa de Santo Amaro (tema debatido no texto), bem como a outros costumes e histórias vivenciadas no lugar onde ele vive.

Assim, por meio dos dados obtidos no questionário, das impressões durante a leitura da crônica e da produção textual dos alunos-sujeitos-leitores, objetiva-se analisar se a inserção de uma narrativa escrita por um autor local e que trata de temas comuns à população desse lugar pode ser, como postularam os estudiosos citados no segundo capítulo deste trabalho, uma estratégia que incentive a prática da leitura literária na escola.

5. Conclusão

Segundo apontam estudiosos do tema, a leitura literária nas escolas brasileiras ainda é uma prática pouco desenvolvida e as motivações que levam a essa consequência são diversas. Vão desde a utilização do texto como pretexto para o ensino da gramática, da prioridade dada à historiografia das escolas literárias até a condensação dos currículos escolares e da falta de conexão entre os temas apresentados nas obras e a realidade social e cultural dos alunos.

Teorias subjacentes que levam em consideração as subjetividades dos leitores – tendo como principais representantes Orlandi (2008) e Rouxel (2013) – foram adotadas neste trabalho como base para propor uma estratégia de leitura que esteja fundamentada na história de leitura dos sujeitos-leitores. História essa que não precisa estar relacionada a textos escritos, mas sobretudo, à leitura que fazem do lugar em que vivem e das manifestações culturais que nele ocorrem.

A proposta consiste em levar narrativas que estejam associadas à realidade desses alunos de modo que eles se sintam familiarizados com o tema e, assim, estreitar a relação desses sujeitos com a leitura. Como este

artigo consiste em um desdobramento de um projeto ainda não aplicado, não foi possível apresentar aqui os resultados de tal estratégia, o que deve ser feito em um trabalho posterior.

Ainda assim, acredito que as contribuições dos autores aqui expostos podem servir de fundamento para novos trabalhos que tenham como objetivo fomentar a leitura literária na escola considerando as subjetividades dos alunos e suas identidades culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português*: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. Fragmentos sobre crônica. In: ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 51-66.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio. [et al]. *A crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CARVALHO, Waldir Pinto de. Na Terra dos Heréos. v. 1. Campos dos Goytacazes: Edição artesanal do autor, 1987. Disponível em: < http://bibliotecavirtual.camaracampos.rj.gov.br/index.php/component/flippingbook/book/147?page=1>. Acesso em: 16 jan. 2019.

COLOMER, Teresa. A articulação escolar da leitura literária. In: ___. *Andar entre livros*: a leitura literária na escola. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007. p. 101-124

FEYDIT, Júlio. *Subsídios para a História dos Campos dos Goitacases*. Rio de Janeiro: Esquilo, 1979.

GONÇALVES, Gisele da Silva. *A cavalhada de Santo Amaro*: uma tradição da baixada campista. Campos dos Goytacazes: Essentia, 2013.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2011.

LAMEGO, Alberto. *A Terra Goytacá*: À Luz de Documentos Inéditos. Paris: L'édion D'art Gaudio, Tomo Segundo, 1920.

LAMEGO FILHO, Alberto Ribeiro. *A Planície do Solar e da Senzala*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2. ed., 1996.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india>. Acesso em 05 jan. 2019.

MOURA, Sérgio Arruda de. *Literatura, imprensa e cidade*: a constituição do campo literário no Brasil. Vértices, Campos dos Goytacazes, v. 14, n. Especial 2, p.55-66, 2012. Disponível em: <http://www.essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/viewFile/1809-2667.20120044/1389>. Acesso em: 10 set. 2018.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez, 2012.

REZENDE, Neide Luzia de. O ensino de literatura sob o viés da licenciatura. In: *Literatura e sociedade*, n. 24, p. 114-124, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/144257/138663>. Acesso em: 26 jan. 2019.

ROUXEL, Annie. Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor?. In: *Cadernos de Pesquisa*, v. 42, n. 145, p.272-283, jan./abr. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v42n145/15.pdf>. Acesso em: 29 de jan. 2019.

_____; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de (Org.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade*: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____ (Org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

TEIXEIRA, Simone *et al*. *Educação Patrimonial*: novos caminhos na ação pedagógica. Campos dos Goytacazes: EDUENF, 2006.

_____ (Org). *Políticas Culturais*: trajetórias e diálogos em Campos dos Goytacazes. Campos dos Goytacazes: EDUENF, 2014. Disponível em: <http://www.uenf.br/portal/images/Documentos/Politicas%20Culturais_e-book.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2019.

_____. Tempo de Cavalhada. In: *Contribuição à prática pedagógica para a Educação Patrimonial*. Campos dos Goytacazes: EDUENF, 2008.

VARGAS, Suzana. *Leitura*: uma aprendizagem de prazer. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.